

Livro-corpo: produção de saber nos cruzamentos entre artifício e ascetismo

Body-book: weaving knowledge at the crossroads of artifice and asceticism

Libro-cuerpo: tramando saber en los encuentros entre el artificio y el ascetismo

DOI: 10.5965/25944630932025e7252

Cristina Viana Tenenbaum

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2881-8385>

Carlos Eduardo Félix da Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4148-44303>



Licenciante: *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution 4.0 International License**.

Publicado pela Universidade do Estado de Santa Catarina

 **UDESC** UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Copyright: © 2025 pelos autores.

Submetido em: 07/05/2025

Aprovado em: 22/09/2025

Publicado em: 01/10/2025

Resumo

Este artigo parte de uma pesquisa qualitativa de caráter teórico-prático que procura investigar os entrelaçamentos experienciados na encadernação artesanal, artifício de conformação do objeto livro, e no *yoga* enquanto meio de ascese em vida, assuntos que são trazidos como — mais que objetos de estudo — uma abordagem epistemológica. Assim, busca-se elaborar a respeito de princípios comuns às práticas artesanais e ascéticas percebidos como potenciais recursos para a produção de conhecimentos em dinâmicas alteritárias e exercícios polirracionais de conversações entre sentires/pensares/ fazeres de diferentes tradições. Os princípios identificados se baseiam em habilidades desenvolvidas pela capacidade de sustentação do estado de presença e da repetição atenta, cuidadosa e aberta ao inesperado. Técnicas nas quais corpo, mente e espírito são engajados em processos consistentes e conscientes que provocam a intuição, entendida aqui como o acesso a um conhecimento que é possibilitado justamente pela persistência neste engajamento. Procedimentos operados no tempo, no ritmo e com o rigor que possibilitam a reflexão durante o fazer e cria espaços para a emergência de novos modos de (co)existência, além de um regime de hierarquias e obrigações. As conexões são feitas a partir da assunção da condição do não saber e do inacabamento. Livro e corpo compartilham a espinha dorsal, sustentáculo da sua manifestação física e motora, e veículo de expansão e desdobramentos no campo sutil.

Palavras-chave: Livro. Corpo. Presença. Repetição.

Abstract

This article is based on qualitative theoretical-practical research that aims to investigate the interweavings experienced in artisanal bookbinding, a device for shaping the book object, and in yoga as a means of asceticism in life. These topics are presented as—more than objects of study—an epistemological approach. Thus, the article seeks to elaborate on principles common to artisanal and ascetic practices, perceived as potential resources for the production of knowledge in alteritarian dynamics and polyrational exercises of conversations between feelings, thoughts, and actions of different traditions. The identified principles are based on skills developed through the ability to sustain a state of presence and attentive, careful repetition, open to the unexpected. These techniques involve engaging body, mind, and spirit in consistent and conscious processes that provoke intuition, understood here as access to knowledge made possible precisely by the persistence of this engagement. Procedures operated in time, rhythm, and with rigor that enable reflection during the process and create spaces for the emergence of new modes of (co)existence, beyond a regime of hierarchies and obligations. Connections are made through the assumption of the condition of not knowing and incompleteness. Book and body share a spine, the support of their physical and motor manifestation, and a vehicle for expansion and unfolding in the subtle realm.

Keywords: Book. Body. Presence. Repetition.

Resumen

Este artículo se basa en una investigación teórico-práctica cualitativa que busca indagar en las interconexiones que se experimentan en la encuadernación artesanal, un mecanismo para moldear el

¹ Cristina Viana Tenenbaum, Mestranda PUC-Rio (RJ, Brasil) - Laboratório Interdisciplinar em Natureza Design e Arte. <http://linda.dad.puc-rio.br/> E-mail: crisvianat@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7837184435329662> / Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2881-8385>

² Carlos Eduardo Félix da Costa. Doutor PUC-Rio (RJ, Brasil) - Laboratório Interdisciplinar em Natureza Design e Arte. <http://linda.dad.puc-rio.br/> E-mail: cadu@dad.puc-rio.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0757744155897986> / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4148-4430>

libro, y en el yoga como medio de ascetismo vital. Estos temas se presentan, más que como objetos de estudio, como un enfoque epistemológico. Así, el artículo busca profundizar en los principios comunes a las prácticas artesanales y ascéticas, percibidas como recursos potenciales para la producción de conocimiento en dinámicas alteritarias y ejercicios polirracionales de diálogo entre sentimientos, pensamientos y acciones de diferentes tradiciones. Los principios identificados se basan en habilidades desarrolladas mediante la capacidad de mantener un estado de presencia y repetición atenta y cuidadosa, abierta a lo inesperado. Estas técnicas implican la participación del cuerpo, la mente y el espíritu en procesos consistentes y conscientes que provocan la intuición, entendida aquí como el acceso al conocimiento posibilitado precisamente por la persistencia de esta participación. Procedimientos operados a tiempo, ritmo y con rigor que facilitan la reflexión durante el proceso y crean espacios para el surgimiento de nuevos modos de (co)existencia, más allá de un régimen de jerarquías y obligaciones. Las conexiones se establecen asumiendo la condición de no saber y de estar incompleto. El libro y el cuerpo comparten una espina dorsal, el soporte de su manifestación física y motora, y un vehículo para la expansión y el desarrollo en el reino sutil.

Palabras clave: Libro. Cuerpo. Presencia. Repetición

1 Introdução

Ao apresentar uma pesquisa qualitativa em artes e design, de caráter teórico-prático, trazendo em igualdade de importância os termos “encadernação artesanal” e “yoga”, a reação é muitas vezes de estranhamento. Ambos podem, sim, fazer alusão a objetos de estudo qualitativo. O termo *yoga*, porém, não tem relação direta com o pensamento e a conformação da *coisa* livro (amplamente estudado no campo em questão) e vem de uma fonte de saber e modo de conhecer aparentemente distante para que se estabeleça uma conexão dentro dos parâmetros amplamente aceitos na instituição de ensino superior contemporânea.

O campo do design pode abrir brechas para justificar uma aventura investigativa que escape à lógica racional que encerra o mundo sensível em uma única visão, pelo fato de ser comum em suas práticas projetuais o diálogo com outras disciplinas e áreas do saber. A pesquisadora e professora Denise Portinari, em seu artigo *Queerizar o Design*, de 2017, lembra que “(...) o design não é uno, e que seu campo se constitui em um entrecruzamento de diferentes práticas e espaços.” (Portinari, 2017, p. 3).

Diante disso, os termos apresentados no primeiro parágrafo podem se referir não simplesmente a objetos de estudo científico, mas a guias para outras abordagens epistemológicas possíveis, que partam da assunção da não neutralidade e do não domínio do saber como motivação para a abertura, suscitada por empreitadas no campo da arte, a novas afetações, problematizações e reflexões sobre aprendizados e experiências, sem perder de vista (e da ação) a dimensão ética. Os princípios comuns às práticas artesanais e ascéticas citadas são, portanto, identificados como tema de uma pesquisa que indaga a respeito da interconexão dinâmica entre corpo e livro. Questionamentos sobre a maneira ritualística como são realizadas estas disciplinas objetivam explorar possíveis agenciamentos livro-corpo capazes de abrir brechas para a materialização de outros modos (contranormativos) de ser, estar e agir na trama da vida.

Atividades que envolvem o engajamento do próprio corpo, sentidos e sentimentos atrelados à cognição podem ser entendidas e exploradas como recursos

estratégicos para a experimentação de modos de existência alternativos aos estabelecidos em uma lógica normativa que muitas vezes descredibiliza e exclui certas formas de saber. O professor Hermógenes (2018), precursor da prática e ensino do *yoga* no Brasil, observa em seu livro *Auto perfeição com Hatha Yoga* (2018) o aspecto agônico da sociedade contemporânea, onde corpos se tornam escravos de uma repetição monótona e padecem do que chama de “*normose*, a doença de ser *normal*, igual a todos” (Hermógenes, 2018, p. 246).

Lidar com a repetição consciente de uma determinada técnica que se quer refinada (diferente da reprodução mecânica e irrefletida) pode levar a pessoa a um estado de atenção e absorção que paradoxalmente abre um campo fértil para a crítica e a expressão, possibilitando a emergência de intuições e o estabelecimento de relações entre saberes aparentemente distantes.

Esta “narrativa continuada”, não linear, é o que o filósofo da corrente contemporânea do pragmatismo Richard Sennett (2009) relaciona à ideia de “vocação” ao falar do desenvolvimento de habilidades do artífice; uma “dimensão positiva da obsessão”, que move a pessoa a trabalhar em abundância, “nutrindo-se de pequenos esforços disciplinados” ao longo do tempo, adicionando constantemente valor às experiências e sentido à vida, onde cada projeto é um capítulo da história (Sennett, 2009, p. 293-294).

Assim como o artista e o artífice, o praticante de *yoga* recorre com determinação e devoção à disciplina — neste caso, de exercícios respiratórios interligados a sequências de posturas psicofísicas (capazes de produzir efeitos no corpo físico e na psiquê), entre outras técnicas — para alcançar um estado de presença que o desperta para sutilezas e permite expandir as conexões cognitivas entre os processos desencadeados sobre o tapete e outros aspectos da vida e das relações consigo e com o mundo. O mestre B.K.S. Iyengar (2016), ao tratar da prescrição ética do “estudo de si”, que consta no texto original de Patanjali, explica que “Aquele que pratica *svadhyaya* lê seu próprio livro da vida, ao mesmo tempo em que o escreve e revisa.” (Iyengar, 2016, p. 42-43). Neste sentido, a ascese buscada pelo *yogin* é afirmativa da vida enquanto manifestação sagrada, dialogando com a ascese nietzscheana, conforme explica Mauro Araújo de Souza no artigo *Nietzsche*:

Um Tipo asceta (2006). Uma ascese experimentada na rede de afetos à qual o corpo-mente se entrega, com a firmeza da disciplina e a flexibilidade da exposição ao inesperado, funcionando como um laboratório onde o conhecimento se dá e se transforma a cada instante vivido (Souza, 2006).

A experiência da presença no *yoga* é intermitente. A divagação da mente é algo que faz parte da natureza humana. Um dos mais citados dos *Yoga Sutas de Patanjali*³ é o segundo *sutra* do primeiro capítulo, traduzido pela estudiosa e professora de *Vedānta*⁴ Gloria Arieira: “O *Yoga* é o controle dos movimentos da mente” (Arieira, 2017, p. 42). Buscar compreender a natureza da mente em seu fluxo associativo contínuo para ser capaz de conduzi-la da dispersão, que reduz o entendimento e a capacidade crítica, a um estado de atenção expandida, de consciência plena.

A repetição tratada aqui não é automática, como a do movimento do dedo e dos olhos que deslizam pela tela do *smartphone* para acessar o próximo conteúdo oferecido para alguns segundos de interação. É a repetição atenta, consistente e em função do fora, do novo, intencionalmente provocadora da intuição. É um ato de resistência. Há uma tensão equilibrada entre a busca pelo aparente controle da respiração, dos movimentos, dos materiais, da técnica e a atitude de entrega em relação aos resultados dessas ações coordenadas.

2 Repetição e intuição

Os procedimentos envolvidos nas técnicas de práticas tanto artesanais quanto ascéticas demandam uma combinação equilibrada de esforço físico e mental para que certas habilidades sejam desenvolvidas. A constância desses esforços equilibrados conduz o praticante ao estado de presença, uma espécie de conciliação com o tempo, em que distrações e agitação vão sendo gradualmente substituídos por concentração e atenção plena, favorecendo ações mais consonantes com a dimensão

³ Os *Yoga Sutas* (suturas) compõem um texto bastante consultado e citado da tradição do *yoga* atribuído ao mestre Patanjali, de cerca de 500 a.C., que traz em forma de aforismos uma compilação de ensinamentos para o praticante de *yoga*.

⁴ *Vedānta* é um termo que se refere ao estudo dos *Vedas*; textos sânscritos antigos que fundamentam as tradições Hindu e do *yoga*.

daquele sentir/ fazer/ pensar em ritmo negociado entre intensidade voluntária e entrega ao fluxo dialógico do processo.

As práticas realizadas em ambos os campos de saber costurados aqui, encadernação e *yoga*, respeitam e presentificam tradições culturais de origem distintas. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, em *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas* (2018) defendem que diferentes tradições, saberes e visões de mundo podem e devem conviver, se encantar e se entrelaçar no que chamam de uma “experiência em transe”. (Simas; Rufino, 2018, p. 11). Os autores propõem a prática transgressiva do “cruzo” entre saberes/ fazeres/ sentires diversos no lugar de uma leitura dicotômica do mundo — não como substituição ou anulamento da racionalidade dominante, mas como deslocamento, atravessamento que permite o entrelaçamento de múltiplos saberes igualmente credibilizados em atitude alteritária, “em exercício dialógico e polirracionalista” (*Op. cit.*, 2018, p. 27).

A alteridade é também uma característica do “bom artífice” para Sennett (2009). A atitude investigativa durante o fazer o leva a recusar a neutralidade e procurar complexidade nas coisas para entender a resistência e trabalhar com ela, identificando elementos simples a partir do olhar atento. Este tipo de procedimento do artífice, segundo Sennett, “deriva da capacidade de empatia” e da “disposição de voltar-se para fora” (Sennett, 2009, p. 247).

O reconhecimento do inacabamento de um campo de conhecimento possibilita que ele seja constantemente reavaliado em diálogo com outros, em hierarquias negociadas a depender do contexto e dos resultados pretendidos. É o que Santos e Meneses (2009) chamam de “pragmatismo epistemológico”. Na incompletude, o conhecimento é testemunhal e relacional, tratado como intervenção no real, e não como representação dele.

Um entendimento similar do caráter testemunhal e relacional do conhecimento é o que se pode ter do termo *karma yoga*, do sânscrito, que significa “*yoga das ações*”, num sentido de que o praticante observa e avalia suas ações e os efeitos das mesmas sobre si e no mundo, ampliando a percepção de limites e potencialidades em dinâmicas inter-relacionais. Diferentemente do conceito

amplamente difundido de espiritualidade do isolamento, de prática pelo bem-estar individual, ou reduzida à “ginástica a serviço da ‘egoesclerose’ (a doença do egoísmo)” (Hermógenes, 2018, p. 32), podemos dizer que o *yoga* é uma perspectiva atemporal e pragmática associada à ideia de *inter-ser*,⁵ de agenciamentos de fluxos conjugados, de livro que faz rizoma com o mundo em constante desterritorialização. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), no primeiro volume de *Mil Platôs*, ao propor o conceito de rizoma, inspirado na formação natural de mesmo nome, sugerem um livro que não tem sujeito nem objeto; uma conjugação de fluxos que não se limita a um único eixo estrutural ou território definido, mas que se transforma conforme expande suas conexões (Deleuze; Guattari, 1995, v.1).

Tais estratégias não seguem uma norma rígida ou uma metodologia única; são operadas na dimensão da contaminação e do acontecimento, assim como na proposta de *queerização* — o termo *queer* usado como verbo, como ato de desvio, produção de estranhamento —, que Portinari (2017), em seu artigo, coloca para o design enquanto disciplina acadêmica ainda relativamente frágil a ponto de ser passível de problematizações, questionamentos, esmaecimento de fronteiras e potencialização das diferenças em favor da emergência de novas possibilidades de existência contranormativas. (Portinari, 2017, p. 14).

A prática de *yoga* ou de técnicas artesanais se constituem na constância e na sobriedade, para que desse plano possa emergir a diferença. A ritualística dos procedimentos e movimentos repetidos vai aos poucos diluindo a dicotomia entre sujeito e objeto, mesmo que intermitentemente (e vem justamente daí a necessidade de constância), e o que salta não é uma unidade formada por duas partes cristalizadas para se sobredeterminar à dualidade anterior, mas uma unidade que é multiplicidade e que muda de natureza conforme opera novas ligações, entrecruzamentos, interconexões, agenciamentos.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o

⁵ O termo *inter-ser* foi difundido pelo monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh (1926-2022), fundador do movimento conhecido como Budismo Engajado e da Ordem do Inter-ser, entre inúmeras outras ações como líder espiritual e ativista pela paz.

uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele) (Deleuze; Guattari, 1995, v.1, p. 13-14).

Esta multiplicidade-unidade é concebida, na visão do *yoga*, como tudo o que existe em perpétuo movimento e regido por *Īśvara*, a inteligência criativa, conforme explica o estudioso e professor Pedro Kupfer (2018):

Dessa maneira, tudo é manifestação de *Īśvara*: o mundo do infinitamente grande, o mundo do infinitamente pequeno e a dimensão em que se move o ser humano convivem, sutilmente vinculados entre si. As correspondências entre essas três dimensões da criação estão presentes em tudo (Kupfer, 2018, p.19).

Diferentemente da repetição reprodutiva, a repetição atenta e consistente exercitada em certas práticas acumula fluxos de movimentos que abrem frestas para percepções sutis, tropeços, imprevistos, expansão de conexões entre saberes em processo não linear, em ritmo sincopado, sem desprezo, sem agressividade e sem apego, com presença e entrega na ação. É impermanência, vigilância, disposição para acessar e ser deixado afetar por saberes latentes e imanentes. Conhecimento como interconhecimento.

Figuras 1 e 2: Encadernação de livro de artista e postura de *yoga*.



Fontes: Elaborado pela autora e Davy Alexandriskiy.

O design tem a capacidade de tangibilizar conceitos e ideias em diferentes níveis, e isso nos convida a buscar abordagens cognitivas flexíveis, plurais e responsáveis. Sennett (2009) defende o envolvimento das pessoas no processo de produção das coisas, não no sentido consumista, mas como prática dialógica, de autoconhecimento, pelo que ela pode revelar sobre nós mesmos. Entendimento e ação inseparáveis.

Algo muito semelhante acontece na prática de *yoga*, quando se empenha

a respiração, a mente e o corpo sem uma meta final de perfeição ou completude idealizada. A ênfase está na experiência da prática em si — com seus desafios e alternâncias de intensidade —, na sondagem das sutilezas e nas percepções propiciadas por esses procedimentos. Procedimentos que se dão como esforços disciplinados rumo ao imprevisto, movidos pela intuição enquanto noção de que algo que ainda não é pode ser (Sennett, 2009, p. 233), ou de que algo que já é ainda não se revelou (a natureza ilimitada do Ser, segundo o *Vedānta*). Perfeição como inacabamento e não como meta obrigatória. Um modo de fazer que pode significar desobedecer a normas utilitárias e agir de forma crítica, produzindo respostas para questões incômodas “(...) em plena consciência. Consciência do corpo, da mente, consciência de ser o que se é e escolher ir além da experiência da sobrevivência” (Krenak, 2020, p. 107-108).

O foco é nas relações estimuladas pelo que se aprende no processo com outras dimensões da vida. A ascese é um investimento presente, não posterior ao juízo final. “Esse é justamente o desafio: fazer com que a existência seja um ato criativo, em que o indivíduo conduz o seu próprio destino usando o livre arbítrio e vivendo em harmonia com tudo e com todos” (Kupfer, 2018, p. 20).

A fantasia da perfeição absoluta é corrigida pelo reconhecimento de que a própria prática apresenta lacunas e levanta questões. As experiências ocorrem abertas a possibilidades latentes, com ênfase no “se, e se?”, rumo ao desconhecido, sem conclusão (Sennett, 2009, p. 237). Diferentes visões e modos de operar são ligados,⁶ amarrados⁷ a partir de encontros, transbordamentos e afetos, entendendo que rigor e liberdade não são excludentes entre si.

3 Amarrações e aberturas

Encadernação artesanal e *yoga* envolvem práticas que podem ser agenciadas na produção de saber, baseada na presença e na interação. Lidam com uma noção de integralidade na qual coexistem matérias tangíveis e intangíveis, de

⁶ O termo encadernação em português remete à forma convencional do livro constituído de cadernos. Em outros idiomas (*binding*, do inglês; *Bindung*, do alemão; *reliure*, do francês; *rilegatura*, do italiano), o sentido é de ligação, mais adequado a este estudo.

⁷ A palavra *yoga* vem da raiz “*jug*”, do sânscrito, que significa unir, manter amarrado.

corpo denso e sutil, em dinâmicas que diluem as distinções binárias entre sujeito e objeto, interior e exterior. Livro e corpo se tornam veículos para investigação de tensões, fluxos e espaços, físicos e subjetivos. Pretexto para a criação de narrativas que possibilitam diferentes leituras de si e do mundo.

A encadernação é um ofício antigo, que tem sua história entrelaçada à do livro, e está vivo até hoje em constante renovação. É reconhecida também como arte e meio de preservação de conhecimentos ao longo do tempo. Pode ainda ser entendida como design singular, comprometido com a iniciativa da comunicação e com a qualidade voltada para o ato da leitura, ao longo de processos criativos, experimentais e construtivos, que demandam adaptabilidade nas ações e nas relações com os materiais e o contexto. Amplia as formas de ver, criar e pensar o livro e suas potencialidades dialógicas enquanto artifício, objeto que carrega em seu processo de feitura narrativas que vão além da textual e imagética.

As técnicas de encadernação manual envolvem procedimentos que, aliados à fundamentação teórica, enfatizam o empenho da presença enquanto combinação de atenção, calma, cuidado e curiosidade naquilo que se faz; atitudes que também podem ser observadas em pessoas que buscam autoconhecimento por meio de práticas e estudos de *yoga*. De modo semelhante ao que a realização voluntária, sistemática e repetida de posturas psicofísicas e de técnicas respiratórias ajudam um aspirante de *yoga* a alcançar um estado de presença que possibilita um alargamento da visão de mundo, Sennett (2009) afirma que a sustentação engajada e prolongada do trabalho artesanal pode contribuir para ancorar o artífice na realidade a ponto de ser capaz de levantar questões filosóficas a partir da vida cotidiana.

A dificuldade às vezes pode ser desejada e provocada como técnica de investigação e como recurso para fazer frente à neutralidade. A habilidade se expande conforme aumenta a capacidade de sustentação da repetição atenta, a ponto de provocar a mudança daquilo que se repete. Esta experiência tem uma explicação:

É a repetição pela repetição (...) o puro e simples movimento repetido torna-se um prazer em si mesmo. (...) poderíamos considerar a rotina como algo maquinal, supor que uma pessoa repetindo sempre alguma coisa se perde mentalmente; poderíamos estabelecer uma equivalência entre rotina e tédio.

Assim não é, todavia, para as pessoas que desenvolvem habilidades manuais sofisticadas. Fazer algo repetidas vezes é estimulante quando se está olhando para a frente. A substância da rotina pode mudar, metamorfosear-se, melhorar, mas a recompensa emocional é a experiência de fazer de novo. Nada há de estranho nessa experiência. Todos nós a conhecemos; ela se chama *ritmo*. Encravado nas contrações do coração humano, o ritmo foi estendido pelo artifice especializado à mão e ao olho (Sennett, 2009, p. 196).

Muito similar é a experiência vivenciada na prática regular de posturas psicofísicas de *yoga*, os *ásanas*, onde a atenção ao ritmo da respiração em coordenação com os movimentos do corpo leva o praticante a um estado de concentração sustentada, um estado de espírito permanente que dilui a distinção dual entre quem se é e o que se faz. “Quando em *ásana*, o espírito, que é obreiro, confunde-se com o corpo, que é a própria obra. O praticante é então causa material e simultaneamente causa eficiente” (Hermógenes, 2018, p. 108). A prática vai se estabelecendo enquanto narrativa e se desenvolvendo na dialética entre a vontade de fazer benfeito e a disposição de se surpreender e aprender com o erro e o desvio. O corpo se torna, aos poucos, capaz de plasmar o que é concebido pela mente e animado pelo sopro vital.

Corpo e livro compartilham ainda um importante aspecto de ordem estrutural no cruzamento entre encadernação e *yoga*. A atenção à coluna vertebral é sempre enfatizada nos exercícios de *yoga* e meditação, pois é considerada o principal canal para o fluxo de *prana*, o alento vital, assim como a lombada, ou dorso de uma encadernação, corresponde à sua espinha dorsal, o seu eixo de sustentação e movimento durante a leitura do livro.

Um exemplo interessante de pesquisa estrutural é da encadernadora e artista visual belga Anne Goy (2013), que desenvolveu a técnica por ela denominada Crisscross,⁸ fazendo alusão ao trajeto de idas e vindas da linha que articula a encadernação em questão e que é visível no resultado. Ela se declara alguém que tem o hábito de estar constantemente explorando novos caminhos enquanto trabalha em seu ateliê. Sempre foi fascinada pela elegância e simplicidade da encadernação japonesa de costura aparente, que é, ao mesmo tempo, estrutura e visualidade. É

⁸ Anne Goy iniciou essa pesquisa em 1984, de acordo com seu relato na publicação em que traz reflexões, resultados e desdobramentos: *Reliure crisscross: the secret Belgian binding*. Noville-sur-Mehaigne: Éditions Esperlùète, 2013.

uma costura feita para unir folhas soltas que não permite uma abertura tão confortável para livros ocidentais, geralmente impressos em papéis menos maleáveis que os japoneses. Anne Goy chegou a uma solução técnica com as características de síntese visual semelhantes à sua inspiração, com a diferença de garantir boa sustentação e abertura confortável a livros estruturados em cadernos/fólios.

A atitude de Goy é de curiosidade e abertura a possibilidades. A prática constante no ateliê a permite levantar questões e preparar o terreno para descobertas ou surpresas, constatação de que algo que conhecemos pode ser diferente. O projeto é um pretexto para se colocar em movimento e nele persistir; acessando detalhes e sutilezas que não seriam alcançadas em processos mecanizados e irrefletidos. Ela renuncia ao pensamento dedutivo e se dispõe a investir no que Sennett (2009) chama de “reformatação” (p. 234): a reconfiguração da prática, a promoção de um salto imaginativo ao pressentir que algo ainda não manifesto já existe em estado latente.

Estes procedimentos conduzem ao que podemos definir como intuição no entendimento do artífice e do praticante de *yoga*. A descoberta, aquilo que surge como inesperado e causa espanto, é provocado pela sustentação persistente da prática diante da imprevisibilidade de se ou quando vai acontecer. A busca é movida pelo desejo de remover o véu que obscurece algo ainda não totalmente revelado. A incerteza não é motivo para desistir; ao contrário, ela é estimulante, bem menos desconfortável que a ignorância inerte.

Figuras 3, 4 e 5: Detalhes de costura de encadernação japonesa aparente (3) e de encadernação Crisscross feita a partir de tutorial de Anne Goy (4 e 5).

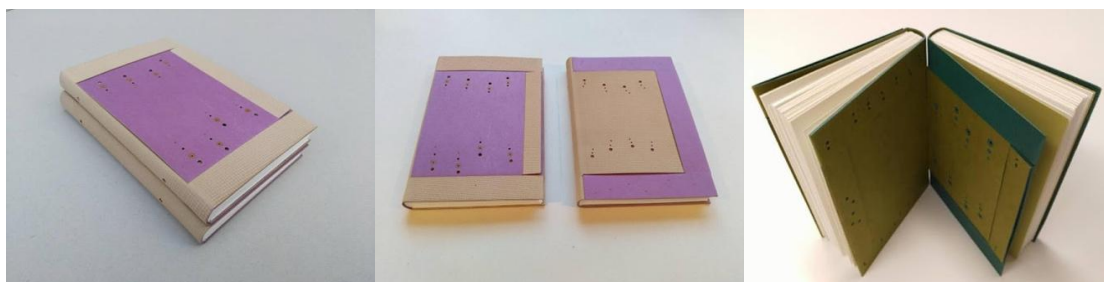


Fonte: Elaborado pela autora.

A encadernadora argentina Sol Reborá costuma dizer que devemos estar

conscientes de que trabalhamos para o livro e em função dele.⁹ Sol desenvolveu, em 2016, a técnica batizada por ela de *Link*, a partir do desafio de juntar dois livros distintos e de dimensões diferentes em uma única encadernação, a pedido de um cliente. Seu dilema não era apenas de ordem funcional e visual, mas também ética, por tratar-se de obras independentes. O aparente impasse se converteu em estímulo para os modelos experimentais de estudo que Sol produziu até chegar à solução de um encaixe engenhoso em que os dois livros poderiam ficar conectados em um único volume, mas também independentes um do outro, mantendo harmonia funcional e visual em ambas as situações. As noções de interrelação e de liberdade, presentes na busca do *yogin*, foram de certa forma materializadas em um projeto de encadernação.

Figuras 6, 7 e 8: Modelos de encadernação feita com a técnica Link, de Sol Rebora (Argentina).



Fonte: Facebook, 2018¹⁰.

Tal modo de operar é o que Sennett (2009) resume como “perícia artesanal”, composta por três habilidades essenciais: “São elas as capacidades de localizar, questionar e abrir. A primeira tem a ver com tornar algo concreto, a segunda, com refletir sobre suas qualidades (...)” (Sennett, 2009, p. 310). A terceira, abrir, tem o sentido de abrir-se para novos diálogos e novas maneiras possíveis de fazer algo, sem abandonar o conhecimento subentendido; transgredir sem negar, expandir. É cabível supor que a experiência artesanal transita entre o projeto, onde se lida com algum planejamento e alguma noção de limite, e o que é da ordem do acontecimento, fagulha intuitiva, imprevisível, indomável, mas provocada e facilitada pela prática

9 Baseado em fala de Sol Rebora em palestra denominada Processos de Desenho de uma Encadernação de Arte, que aconteceu em março de 2018 no Rio de Janeiro, no quinto Encontro de Encadernação da Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/solbinding/>>.

disciplinada e atenta, como no *yoga*. Diante dessa percepção, pode ser acrescentada à fala de Sol que muitas vezes o trabalho de encadernação acontece em fusão com o livro, como em um exercício meditativo em que a separação dicotômica entre sujeito que contempla e objeto contemplado se dissolve, quando a repetição radical do intermitente que ainda não é torna-se presença, imanência, estado de *yoga*.

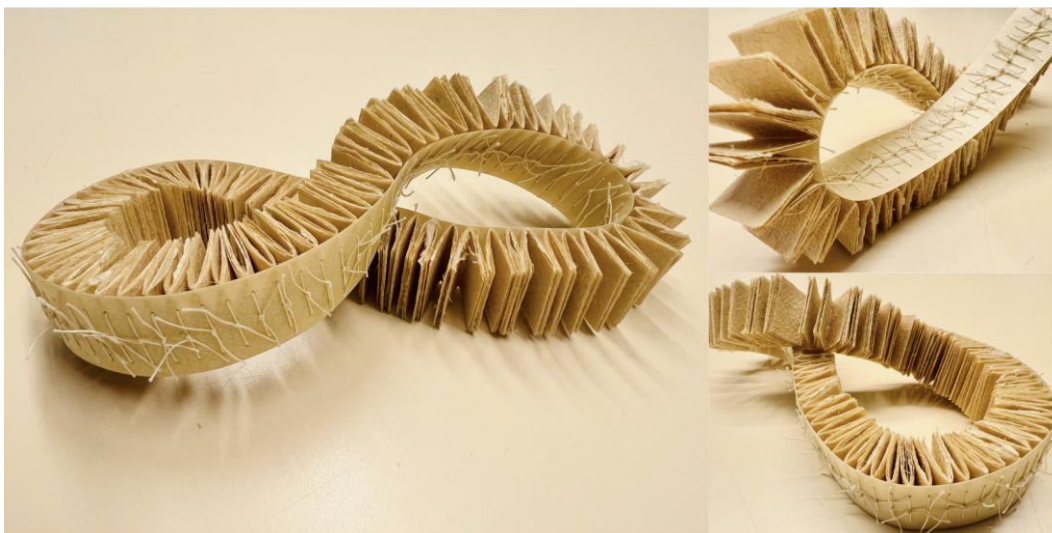
O ensinamento que fundamenta as práticas e estudos no *yoga* está baseado na visão da não-separação entre *jīva*, o indivíduo, e *Ātma*, a natureza ilimitada do Ser. O experimento a seguir é um livro-obra que parte da forma da fita de Möbius, com a característica de ser não-orientável, sem distinção entre interior e exterior. A forma propõe um paralelo com o corpo do *yogin*, no qual o denso e o sutil estão conectados e expostos a fenômenos tangíveis e intangíveis.

O material escolhido para a fita é o pergaminho, presente na história do livro tanto como suporte para a escrita quanto como elemento de sustentação estrutural e de acabamento na encadernação. O pergaminho é uma pele, imenso órgão do corpo exposto a atravessamentos, responsável por uma incessante dinâmica de trocas entre o que existe e acontece da sua superfície para dentro e o que existe e acontece da sua superfície para fora. Nesta faixa “infinita” de pergaminho, que se assemelha ao algarismo “8”, foram costurados oitenta fólios/cadernos, cada um composto por oito folhas, usando uma técnica que transpassa a pele de um lado a outro e vice-versa em caminho percorrido pela linha desenhando o número oito. As relações numéricas orientaram mentalmente o planejamento estrutural do livro não-orientável.

Os fólios representam as manifestações individuais que fazem parte da multiplicidade da existência. A costura é o que liga os fólios à base e possibilita seu movimento. Suas folhas são animadas, tendendo à expansão ou a contração – como acontece na respiração, ao sabor da manipulação deste livro-corpo. A respiração é uma condição do que tem vida, do que está constantemente em movimento e transformação. O termo *māyā*, do sânscrito, pode ser interpretado neste contexto como “aquilo que muda”, que é “relativo” a uma essência imutável, que tem uma forma manifesta e depende da presença do Ser para existir (Kupfer, 2020, p. 49). A presença invariável da qual emana a existência enquanto sua expressão criativa está

representada neste livro pela própria fita. A forma final se repete incessantemente nela mesma, num eterno movimento de conhecer sustentado pela infinitude do conhecimento.

Figuras 9, 10 e 11: imagens de experimento artístico – Livro-infinito, 2025.



Fonte: Elaborado pela autora.

4 Considerações finais: disciplina e liberdade

“Fazer mais que a obrigação”. Esta frase levanta uma questão ligada ao que nos move, ao porquê, para quê, para quem e como fazemos algo, conscientes ou não destas perguntas. Em um regime socioeconômico baseado em uma cultura de hierarquias e competição, fazer algo além do que foi previamente determinado fica na dimensão da comparação e das relações de poder, da distinção como barreira antissocial. A meta de se orgulhar pela qualidade do próprio trabalho se manifesta como um comportamento racista. “Naturalmente, toda especialização contém um elemento de desigualdade (...). A questão é saber que fazer dessa diferença” (Sennett, 2009, p. 281).

Uma manifestação exacerbada deste modo de operação é o comportamento perfeccionista, uma forma de subjetivação da comparação, competição consigo, necessidade obsessiva de validação individual e interna constante. Uma conduta que pode ser explicada como “(...) impulso competitivo levado ao extremo: provar nosso valor diante de nós mesmos é uma receita certa de

infelicidade.” (Sennett, 2009, p. 282). Se a obrigação é algo que devemos fazer por submissão a alguma exigência (de ordem intrínseca ou extrínseca), mais que a obrigação pode se tornar um enorme suplício para o corpo e para o espírito.

Talvez possamos tentar interpretar esta mesma frase por outro ângulo, outra dimensão: a horizontal, de um plano comum, como numa formação rizomática, que é sempre meio, em crescimento e transbordamento (Deleuze; Guattari, 1995, v.1, p. 31). Sob essa ótica, o “fazer mais que” pode deixar de ser entendido como sobreposição — algo pesado e opressor — e passar a representar um gesto de ampliação. Um ir além do que é obrigatório, em direção à expansão e ao lançamento de linhas de fuga, por uma perfeição que está infinitamente em processo, sem imposição ou violência. Essa perspectiva sugere uma busca por conciliação e leveza no fazer, independentemente da intensidade envolvida ou da determinação voluntária. Afinal, não se trata mais de um jogo de controle, mas de sua subversão — uma liberação dos condicionamentos que aprisionam, tal como também propõe a prática do *yoga*. Ainda existirá rigor e alguma obsessão em relação à qualidade do ofício (sagrado, mundano ou ambos), um desejo de controle de procedimentos como motivação para seguir, mas numa medida mais saudável, flexibilizada, pois a recompensa pode ser encontrada antes do que foi idealizado como meta, no próprio fazer enquanto processo dialógico. O valor está nas pequenas conquistas do durante, do meio, do perfeito incompleto na sua ambiguidade.

A urgência é por presença, atitude de calma, abertura, foco e esforço disciplinado, como a do praticante de *yoga* que busca consistentemente a ascese na liberação de dicotomias e padrões de comportamento e pensamento limitantes; ou como a do artífice, engajado, atento e curioso a cada detalhe de cada procedimento de feitura de algo, num ritmo em que a relação entre a cabeça, as mãos e os materiais possibilitam a reflexão crítica e ética durante a ação¹¹.

¹¹ Corretor gramatical (Tiago Velasco, Doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, E-mail: velasco.tiago@gmail.com)

Referências:

- ARIEIRA, G. **O yoga que conduz à plenitude**: os Yoga Sutras de Patañjali. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- GOY, A. **Reliure Crisscross**: the secret belgian binding. Noville-sur-Mehaigne: Éditions Esperluète, 2013.
- HERMÓGENES. **Autoperfeição com Hatha Yoga**: um clássico sobre saúde e qualidade de vida. 61ª Edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.
- IYENGAR, B. K. S. **Luz sobre o yoga** – Yoga Dipika: o guia clássico de yoga escrito pelo embaixador do yoga no ocidente. São Paulo: Pensamento, 2016.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KUPFER, P. **Visões do yoga**: antologia dos Sastras. Pedro Kupfer, 2018. Disponível em: <https://www.yoga.pro.br/wp-content/uploads/2019/11/Vis%C3%B5es-do-Yoga-2020.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2025.
- KUPFER, P. Sivasutra de Sri Vasugupta: tradução e comentário. Yogabindu, 2020. Disponível em: <https://www.yoga.pro.br/wp-content/uploads/2019/11/Vis%C3%B5es-do-Yoga-2020.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2025.
- PORTINARI, D. Queerizar o design. **Arcos Design**. Rio de Janeiro, Edição especial Seminário Design.Com, pp. 1-19, out. 2017.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SENNETT, R. **O artífice**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no mato**: A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SOUZA, M. A. Nietzsche: Um Tipo Asceta. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, N° 2 / 2006 / pp. 24-42. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_sousa.pdf. Acesso em: 02 set. 2025.

Agência de pesquisa financiadora da pesquisa

Não aplicável

Declaração de conflito de Interesses

Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)

Concepção do trabalho: Cristina Viana Tenenbaum; Cristina teve a ideia inicial do projeto da pesquisa, tendo realizado experimento artístico e articulação de dados teóricos e práticos a partir de metodologia desenvolvida com e validada por Carlos Eduardo Félix da Costa.

Material suplementar

Os dados necessários para reproduzir os resultados estão contidos no próprio artigo.

Agradecimentos

Não aplicável.